

Poesia

*Alberto Pucheuⁱ***TOW IN**

Na faculdade, escutei que alguém, tempos atrás,
teria dito: tudo é água. Quando o jet ski
me reboca, largando-me no topo
destas ondas anteriormente começadas
e não escolhidas por mim, máquina, mar e eu
somos apenas um, a mesma entidade viva
respirando uma ausência qualquer de limites.
Sei que posso morrer a cada instante
no improviso. Que, perdido no terror
de uma mandíbula, que, perdido
no amor de uma mandíbula, sem saber
de que lado está a cava nem de que lado,
a crista, triturado dentro desta mastigação
por uma avalanche de águas,
uma onda pode me matar. Sei que a máquina,
com o companheiro a acelerando em vão,
igualmente imersa em bolhas, solavancos
e espumas muito mais potentes do que ela,
ainda pode falhar, não rebocando mais uma vez
a minha vida, deixando-a espatifada

em algum rochedo próximo ou num coral submerso,
de modo que nada mais em mim
se distinga - jorrando - da onda.
E quem tem força para matar
é sempre muito perigoso. É tão assustador
que acho mesmo que já morri algumas vezes
no caldeirão de água espumante,
onde, no fim das contas, não existe segurança.
Renasço, a cada dia, de dentro do caldo
do esquecimento e da vala do sono.
Surfar nem sempre é o mais difícil; o mais difícil
é conseguir sobreviver. Este mar é o local
em que homens e meninos se distinguem.
Em que homens recebem suas medidas
sobre-humanas. Em que homens
eram menores do que ele, até conseguirem surfá-lo.
Não venham para cá se não puderem contar
com seus próprios colhões. E com algo mais.
Não venham para cá, se, pelados pelas ondas,
não se garantirem. E, mesmo assim, não venham...
Não venham para cá se não puderem
morrer. Se não puderem ser um com o mar.
Se não souberem que a prancha que me separa -
mínima linha no abismo, quilhas e bordas
em manobras, cortes, idas
e vindas sulcando o muro infinito -,
é a mesma que me une ao sol de água:
a prancha da coragem e da perícia
que, usando a força para lidar com a força,
me preserva num ínfimo já líquido de mim.
Aqui é o único ambiente em que,
nesta porrada animal, enquanto os homens
se sentem horrorizados, eu, bicho marinho,

me sinto em casa. Aqui é o limite entre o prazer,
o êxtase e a morte. Mesmo com o barulho do motor
da máquina marítima, do vento forte
dificultando tudo ainda mais, da zona de impacto
nos arrastando submersos na água gelada
por mais de 200 metros, do helicóptero
que espreita com suas câmeras por cima,
da prancha vibrando seu impacto
no estalo repetido contra a superfície aquática
e no ritmo ofegante das batidas do coração,
aqui é o lugar mais silencioso que existe:
escuto a circulação do sangue dos golfinhos,
tubarões e gaivotas, o sistema nervoso
das areias, horizontes e céu, a voz rudimentar
de algas, ostras, conchas e ouriços.
Por isso, volto sempre para cá,
para estas ondas monstruosas
em cujos topos me sinto maior
do que os penhascos que me espreitam
por sobre as cidades e arranha-céus,
sabendo que, aqui, o estilo não é nada
senão o imposto a cada um pela necessidade
da vida em seus extremos.
Temo os 30 metros que me cobrem
(e o bafo que se estende por 100 metros),
mas temo, muito mais,
as coisas mesquinhas desta vida.

POEMA PARA SER LIDO NA POSSE DO PRESIDENTE

Ando pela calçada da rua em que moro,
em direção à Cobal, por exemplo,
onde diariamente compro alguma coisa
apenas para descansar um pouco do trabalho
cotidiano que faço em casa, e,
ao passar por uma pessoa, sou para ela
o que ela é para mim: alguém
que sobe ou desce uma rua, nada mais.
Talvez, neste momento, eu seja
também para mim e ela também para ela
o que somos um para o outro: alguém
que se esquece de onde está vindo
e aonde está indo, de seu nome, de seu trabalho,
alguém que sobe ou desce uma rua, nada mais.
Ou algo mais, ou menos, não sei, que vai
comendo o nome, o trabalho, o parentesco,
as demandas que recaem sobre nós,
largando-os pouco a pouco pelas latas de lixo
penduradas nos postes, deixando-os cair
ao meio-fio, por entre as rodas dos carros,
cumprindo o destino comum de todos dejetos.
Andando pelas calçadas, subindo-as
ou descendo-as, indo ou voltando não importa
para onde ou de onde, enquanto andamos,
desta vez não temos um encontro marcado
com nós mesmos. Mais persistentes
ou mais ausentes, mais barulhentas ou silenciosas,
diversas vidas vêm e vão em um só corpo,
aparecendo sempre alguma quando alguma
é requisitada. Mas há momentos em que,

entre a casa e os ofícios da cidade, entre qualquer compra, por exemplo, na Cobal, e o uso da compra ao chegar em casa, antes de qualquer contrato, de qualquer direito, de qualquer convenção, do livre arbítrio, do estado civil, antes do tamanho dos ossos, do formato da orelha, das impressões digitais dos dedos, das extensões do rosto, da fotografia em 3X4 ou em 5X7, das fotografias de frente e de perfil, antes das imagens exclusivas da íris e das retinas e dos escaneadores 3D, das câmeras que nos gravam nos bancos ou pelas ruas, antes dos DNAs guardados em algum arquivo nacional, antes da beleza e da feiúra, do código de barras na nuca - com o qual sonhei ontem - disponibilizando os corpos a uma máquina que teimasse em reconhecê-los por um número qualquer pelo qual jamais nos reconheceríamos, antes desses e milhares de outros modos de sermos apreendidos, os ócios vazios de um corpo abandonado (uma vida nua ou um posto de pura distração em que os viventes se fazem esquecidos, ou quase isto) sobem e descem uma rua, nada mais. São corpos matáveis, como ao fim de uma partida de futebol, como durante um assalto, como na fila de um hospital, como por bala perdida ou certa da polícia e dos traficantes, como por acidentes, pelas drogas, pela fome... São corpos gloriosos, como durante uma partida de futebol, como durante

uma semana de carnaval, como em um show de rock, em uma mesa de bar com amigos, em um mergulho diurno ou noturno no mar, como quando fazem amor ou quando, mesmo sem o fazerem, se amam ao longo da vida ou por apenas alguns instantes. São corpos dúbios, quando dançam o funk sob a mira dos AR-15, quando fogem dos tiros saltando atleticamente por telhados, caixas d'água, correndo por becos, quando se explodem na terra ou no ar contra o concreto de um edifício ou quando se jogam das alturas do mesmo edifício. São corpos funcionais, como nas caixas lotadas dos supermercados, dentro das britadeiras fritados sobre o asfalto do sol, dentro da cozinha da minha casa, ao meu ouvido, na central de telemarketing. São corpos... São corpos que, em algum momento, esquecidos, anônimos, sobem e descem uma rua, nada mais. Subindo ou descendo uma rua, atestamos então este hiato de desconhecimento entre o corpo abandonado e as diversas vidas que o tentam colonizar, entre a vida nua e as vestimentas vivas que a recobrem, entre a vida crua e o que dela pode ser cozido, entre a vida aberta e a vida vivida. Atestamos a fenda deste hiato, uns emigrantes da distância neste hiato de que não podemos nos afastar, uns estrangeiros, uns viajantes, uns forasteiros, uns gringos, uns bárbaros neste espaço que se serve das palavras para falar

em uma língua estrangeira, uns índios
neste espaço, nesta picada, nesta clareira,
uns berberes e o vão do deserto esgarçando
os berberes, uns esquimós e o vazio da neve
ampliando os esquimós, uns pescadores
dispersos pela luz, tragados por este espaço
diluído entre a areia e os sóis dos Lençóis,
o espaço em que o explosivo queima
entre a genitália e a cueca do nigeriano
no avião. Atestamos este espaço das palavras
que se servem das palavras para falar.
Apátridas, não temos por pátria a língua portuguesa
nem outra nos seria natural. Nascemos
sem língua, abertos a qualquer jargão
que em nós quisesse se desdobrar, nascemos
sem povo, abertos a qualquer bando
que em nós quisesse se desdobrar,
nascemos sem lei, uns bandidos, uns canhotos,
uns lobisomens, uns burros, uns jumentos,
umas vacas, umas piranhas, uns veados,
umas éguas, umas antas, uns porcos,
umas mulas, umas bestas, umas baleias,
umas cachorras, uns tubarões, uns animais,
uns bichos, umas bichas, umas feras,
uns selvagens, uns fora-da-lei
abandonados a qualquer lei
que nos pudesse governar, abandonados
a qualquer lei que tivéssemos de desregrar.
Sobreviventes, descendemos de uma classe
de épocas perigosas praticamente esquecidas,
exilada da cidade dentro da cidade,
e, mesmo que ser, estar, saudade, cidade,
floresta, rio, mar, sertão, natureza

e outras palavras nos digam intimamente respeito,
navegamos, apátridas, a abertura, o sem,
o não, o nem, o a- que não nos largam.
Por mais que não queiram, trazemos conosco
os espaços vazios a distorcerem as possibilidades
que cotidianamente se oferecem
do que nós somos, do que é a água
do rio, do mar, da cidade, do país,
do mundo, e, por mais que não queiram,
nossa saliva é o suor das palavras não-ditas,
e, por mais que não queiram,
misturamos o separado, trazemos conosco
a cidade e a natureza ferina, a poesia
do dedo que falta na mão do presidente.

ⁱ Nascido em 1966, ALBERTO PUCHEU é poeta, ensaísta e professor de Teoria Literária da UFRJ. Publicou os ensaios: *Antonio Cicero por Alberto Pucheu* (Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010), *O amante da literatura* (Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2010), *Giorgio Agamben: poesia, filosofia, crítica* (Rio de Janeiro: Azougue Editorial/FAPERJ, 2010). *Pelo colorido, para além do cinzento; a literatura e seus entornos interventivos* (Rio de Janeiro: Azougue Editorial/FAPERJ, 2007). Com este, recebeu o Prêmio Mário de Andrade, Ensaio Literário, da Fundação Biblioteca Nacional/Minc, 2007. Organizou *Nove abraços no inapreensível; filosofia e arte em Giorgio Agamben* (Rio de Janeiro: Azougue Editorial/FAPERJ, 2008) e *Poesia(e)Filosofia; por poetas-filósofos em atuação no Brasil* (Rio de Janeiro: Ed. Sete Letras, 1998). Em poesia publicou, dentre outros, *A fronteira desguarnecida; Poesia Reunida 1993-2007* (Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2007). No momento, suas fotografias de *street poems* estão expostas, sob o título de *Paisagens urbanas quase sem paisagens* no evento ArteFórum.